

A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas

JOÃO LUÍS CARDOSO*

R E S U M O

A escavação objecto desta publicação teve origem na necessidade de conhecer o efectivo interesse arqueológico de um local anteriormente assinalado na Carta Arqueológica do Concelho de Cascais que se pretendia ocupar por urbanização. Trata-se de uma vasta encosta voltada a nascente, situada na adjacência de um importante povoado de altura do Bronze Final, o Cabeço do Mouro. Com efeito, a prospecção de superfície evidenciou ali assinalável dispersão de cerâmicas da Idade do Bronze. Dada a natureza dos vestígios identificados, optou-se por proceder a investigação da área interessada em extensão, através da abertura de quadrados com 2 x 2 m, dispostos em xadrez, segundo uma linha orientada Norte-Sul. Tais quadrados foram sendo sucessivamente executados, para um e outro lado da referida linha, e também para norte e para sul, em função da natureza dos resultados que se iam obtendo, no decurso da escavação de cada um deles. No final dos trabalhos, encontravam-se executados 34 quadrados escavados até ao substrato geológico, correspondente a calcários margosos e apinhoados do Cenomaniano (Cretácico Médio), o qual se encontrava em geral a cerca de 0,40 m de profundidade. Deste modo, foi possível verificar que a forte dispersão de materiais observada à superfície se verificava também em profundidade — apesar de aqui os fragmentos serem de maiores dimensões — correspondendo a fenómeno pós-deposicional, devido à lavoura e à erosão, facilitada pelo pendor da encosta, não se tendo identificado estruturas ou camadas arqueológicas directamente relacionadas com os materiais exumados, aliás sempre em quantitativos baixos. Exceptua-se a identificação, no Q23, de uma estrutura negativa: trata-se de um silo escavado na rocha, reaproveitado ulteriormente como fossa de acumulação de detritos domésticos, colmatado certamente em curto intervalo de tempo. Ali foram recolhidos numerosos fragmentos de recipientes da Idade do Bronze, acompanhados de restos de talhe de sílex, fauna malacológica e de mamíferos domésticos; estes últimos permitiram a obtenção de datação de radiocarbono que situa a respectiva ocupação entre a segunda metade do século X e os finais do século IX a.C., para cerca de 95% de probabilidade. Trata-se, pois de momento correspondente ao fim do Bronze Final, coincidente com a chegada dos primeiros influxos orientalizantes, decorrentes da presença fenícia na região, ainda totalmente ausentes do registo arqueológico identificado. A ocorrência deste silo em área agrícola, sugere a existência de uma pequena unidade doméstica especializada na cerealicultura efectuada no próprio local, em

estreita dependência do importante povoado de altura do Cabeço do Mouro, centro populacional que administraria a região envolvente, provavelmente até o litoral oceânico, situado a cerca de 4,5 km para sul, de onde provieram os moluscos identificados.

A B S T R A C T

We aimed to determine the archaeological importance of a site previously signaled in the Archeological Map of the Municipality of Cascais, which will be urbanized shortly. The area is a vast slope facing east, close to an important settlement from Late Bronze Age, Cabeço do Mouro. A previous surface prospection had yielded a remarkable number of materials around the site, whose typology suggested that the remains belonged to the Bronze Age. Due to the scattered disposition of the remains, we decided to make an extensive excavation, using square plots with 2 x 2 m, set in a chess disposition, with an orientation North-South. Such squared plots were placed alternatively in each side of an original line, and towards north and south, according to the results progressively obtained. A total of 34 plots were excavated down to the geological substrate, which is a limestone from Middle Cretaceous (Cenomanian), located about 0,40 m deep. It was possible to observe that the scattering of ceramics found at the surface also occurred in depth, due to a post-depositional period, related to farming and erosion and facilitated by the slope. No archaeological structures or layers were found connected with those remains. In spite of this general pattern, we identified in Q23 a negative structure excavated on the bedrock (silo), lately used for the accumulation of domestic garbage, possibly filled during a short period. In the abandoned silo, we collected numerous sherds from the Late Bronze Age, flints, malacological fauna and bones of domestic mammals. The bones allowed a radiocarbon datation of the filling between the second half of the X century and the late 9th century BC, with a level of 95% probability. Hence, the site belongs to the final of the Late Bronze Age, when the first eastern influxes occurred associated with the Phoenician presence in this region, though absent in the present site. The occurrence of the silo in an crop field area suggests a small domestic structure, dependent from the important nearby settlement of Cabeço do Mouro, which possibly had jurisdiction over the surrounding region, extending to the sea, located 4,5 km south, from where all mollusks found were collected.

1. Antecedentes. Localização da estação

As escavações realizadas na estação pré-histórica do Cabeço do Mouro (Cascais) foram determinadas por um empreendimento urbanístico previsto para a área cujo efectivo interesse arqueológico se pretendia previamente conhecer e caracterizar adequadamente. Tratou-se, deste modo, de uma acção enquadrada na Categoria C de trabalhos arqueológicos, “acções preventivas a realizar no âmbito de trabalhos de minimização de impactos devidos a empreendimentos públicos ou privados (...)”.

Com efeito, no terreno interessado pelas obras, tinham sido registados vestígios arqueológicos da Idade do Bronze, em consequência das prospecções arqueológicas sistemáticas realizadas na área concelhia desde os inícios da década de 1970, por Guilherme Cardoso, os quais justificaram o respectivo registo na Carta arqueológica do concelho de Cascais. Trata-se de fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze, muito dispersos por vasta área da parte inferior da encosta nascente do Cabeço do Mouro, de pendor muito suave, cujas coordenadas geográficas são as seguintes: Q962954, da Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, folha 430 (Oeiras), edição de 1970, encontrando-se assinada na “Carta Arqueológica do concelho de Cascais” com o número 141 (Cardoso, 1991).

Tendo presentes tais evidências, a Associação Cultural de Cascais foi consultada pela Câmara Municipal de Cascais no sentido de apresentar proposta de programa de trabalhos susceptíveis de caracterizar de forma rigorosa o efectivo interesse arqueológico do local, antes que fosse emitida a respectiva licença de construção.

O programa de trabalhos a desenvolver e respectivo caderno de encargos foram aceites pelo dono da obra, a empresa Aresta Construções. Lda., em Setembro de 2003. Encontravam-se deste modo reunidas as condições para se requerer a autorização para a realização dos correspondentes trabalhos arqueológicos, a qual, apresentada a 16 de Setembro de 2003 ao Instituto Português de Arqueologia pelo signatário, na qualidade de arqueólogo responsável, foi por aquele Instituto deferida a 22 do mesmo mês.

Após a conclusão dos trabalhos de campo, elaborou-se Nota Técnica/Relatório Preliminar, a pedido do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Cascais, destinando-se a apoiar a decisão sobre o licenciamento das obras pretendidas, o qual, conforme estipula a legislação em vigor, foi previamente submetido à apreciação do órgão de tutela, que o aprovou a 27 de Maio de 2004. O presente trabalho corresponde, deste modo, ao desenvolvimento daquele documento, aliás já consubstanciado no respectivo Relatório Final, entretanto aprovado a 28 de Julho de 2005.

2. Trabalhos realizados e sua metodologia

Os trabalhos de campo iniciaram-se a 1 Outubro de 2003, prolongando-se até 28 do mesmo mês, num total de 20 dias úteis. Foram dirigidos em permanência pelo signatário, tendo neles participado, do início ao fim dos trabalhos, os seguintes elementos, todos já licenciados, colaboradores habituais do signatário e com assinalável experiência anterior em intervenções arqueológicas:

- Filipe Santos Martins
- Sofia Isabel Monteiro de Albuquerque
- Marta Fonseca Araújo

Tendo presente a informação fornecida pela dispersão superficial dos materiais arqueológicos, foi implantada no terreno uma quadrícula correspondente a quadrados com 2 m de lado, os quais foram sendo sucessivamente escavados alternadamente, segundo disposição em xadrez, orientados segundo a direcção Norte-Sul, ao longo de uma linha (Linha 0), abarcando os Q1 e Q2. Ulteriormente, desenvolveram-se para ambos os lados outras linhas, com a mesma direcção, ao longo das quais se abriram sucessivos quadrados, obedecendo à disposição referida, de modo a abarcarem a principal área de ocorrência dos vestígios (Figs. 1 e 2), os quais se escavaram por camadas artificiais de 0,20 m cada, até se atingir, em cada um deles, o substrato geológico.

Com efeito, os resultados que iam sendo obtidos no decurso da escavação, foram determinantes nas opções tomadas quanto ao alargamento da área explorada, primeiramente para Este e para Oeste e, depois, para Norte e para Sul. Deste modo, respectiva disposição no terreno, permitiu a caracterização adequada e completa da totalidade da área que importava investigar.

No final dos trabalhos, encontravam-se executados trinta e quatro quadrados de 2 x 2 m, cuja escavação se efectuou, como se disse, até o substrato geológico (Figs. 3 e 4).

O interesse que reveste o conhecimento pormenorizado da própria progressão dos trabalhos, bem como dos resultados que iam sendo obtidos, justifica a transcrição do diário de campo com base em apontamentos coligidos por Filipe Martins:

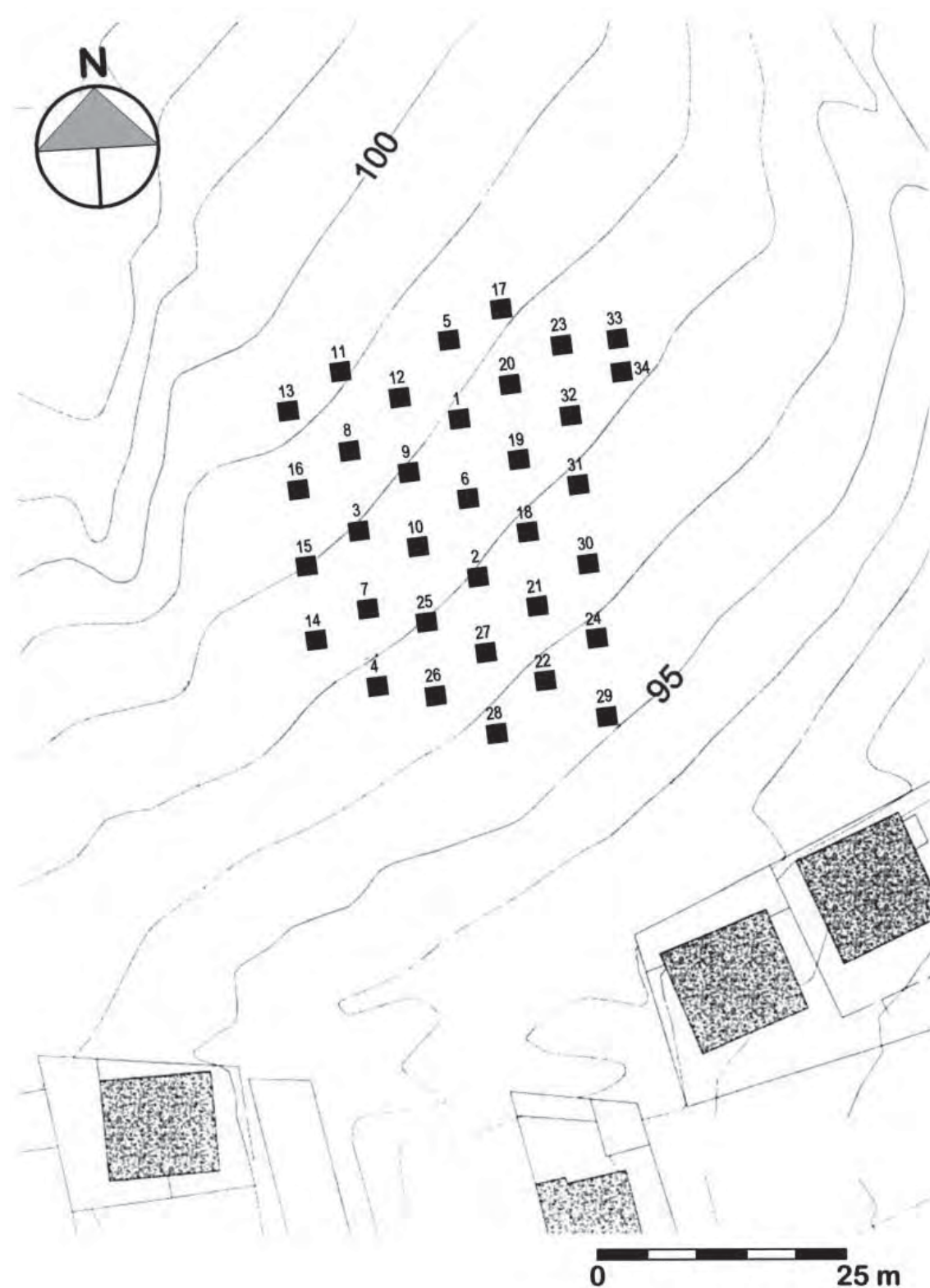


Fig. 1 Cabeço do Mouro. Planta de localização dos quadrados escavados.



Fig. 2 Cabeço do Mouro. Vista geral da encosta onde se identificou a estação arqueológica, em segundo plano, com a distribuição dos quadrados escavados. Observe-se, ao fundo, a serra de Sintra.

Dia 1 de Outubro (2003):

Início dos trabalhos, com a marcação e abertura dos Quadrados 1 e 2 (Q1 e Q2), de 2 m de lado, orientados para norte.

No Q1 procedeu-se à recolha do espólio em camadas artificiais de 20 cm, atingindo-se aos 41 cm o substrato geológico:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 41 cm = terra castanha-clara, compacta, com algumas pedras.

Concluiu-se com a limpeza dos cortes e da respectiva limpeza da área.

No Q2 procedeu-se à recolha do espólio em camadas artificiais de 20 cm, como no quadrado anterior.

Dia 2 de Outubro (2003):

Continuação da escavação e recolha do espólio no Q2 apresentando as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal com muitas pedras;
- dos 20 aos 35 cm = terra castanha clara, com muitas pedras.

Após atingir o substrato geológico, aos 35 cm, procedeu-se à limpeza dos cortes e da área, conluído o Q2.

Sucedeu-se a marcação dos Quadrados 3 e 4 (Q3 e Q4), de 2 m de lado, orientados para norte, iniciando-se a abertura do primeiro (Q3).

O Q3 apresenta as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com poucas pedras.
- dos 20 aos 42 cm = terra castanha-clara, compacta, com algumas pedras.

Após atingir o substrato geológico, aos 42 cm, procedeu-se à limpeza dos cortes e da área.



Fig. 3 Cabeço do Mouro. Pormenor da área investigada, vista de sudoeste. Observe-se, em primeiro plano, um dos quadrados escavados até ao afloramento geológico.



Fig. 4 Cabeço do Mouro. Pormenor da área investigada, vista de norte.

Dia 3 de Outubro (2003):

Início da abertura do Q4 apresentando as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com algumas pedras;
- dos 20 aos 36 cm = terra castanha clara, com muitas pedras.

Aos 36 cm atingiu-se o substrato geológico, iniciando-se os trabalhos de limpeza dos cortes e da área. Procedeu-se à marcação de mais dois Quadrados, o Q5 e Q6, também de 2 m de lado, orientados para norte. O Q5 a norte do Q1, e o Q6 a norte do Q2 e a sul do Q1, na mesma linha de orientação.

Iniciou-se a decapagem dos 0 aos 20 cm, no Q5 e Q6.

Dia 6 de Outubro (2003):

Continuação e conclusão da escavação dos Q5 e Q6.

O Q5 atingiu o substrato aos 42 cm, apresentando as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 42 cm = terra castanha-clara, compacta, com algumas pedras.

O Q6 atingiu o substrato aos 37 cm, apresentando as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com algumas pedras;
- dos 20 aos 37 cm = terra castanha-clara, com algumas pedras.

Marcação e abertura de mais dois novos Quadrados, o Q7, a norte do Q4, e o Q8, a norte do Q3.

O Q7 foi concluído, atingindo-se o substrato aos 31 cm, observando as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com algumas pedras;
- dos 20 aos 31 cm = terra castanha-clara, com muitas pedras.

O Q8 foi aberto e escavado até aos 20 cm.

Dia 7 de Outubro (2003):

O Q8 foi concluído, atingindo-se o substrato aos 40 cm, apresentando as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 40 cm = terra castanha compacta, com poucas pedras.

Marcação e abertura do Q9, numa linha em diagonal, transversal, iniciando uma terceira linha orientada para norte.

Dia 8 de Outubro (2003):

Continuação e conclusão do Q9, com as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 36 cm = terra castanha-clara, com algumas pedras.

Marcação do Q10, a sul do Q9. Abertura e conclusão atingindo-se o substrato aos 43 cm, com a observação das seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com muitas pedras;
- dos 20 aos 43 cm = terra castanha-clara, com muitas pedras.

Marcação do Q11, a norte do Q8, e do Q12, a norte do Q9.

Abertura do Q11, atingindo os 20 cm de profundidade.

Dia 9 de Outubro (2003):

Continuação do Q11 e abertura do Q12.

Conclusão do Q12, atingindo-se o substrato aos 48 cm, observando as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha escura vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 48 cm = terra castanha compacta, com poucas pedras.

Nota: é de registar que, nestes dois quadrados (Q11 e Q12), a partir dos 20 cm da superfície, o espólio torna-se escasso e a terra bastante compacta.

Dia 10 de Outubro (2003):

Continuação e conclusão do Q11:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha escura vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 49 cm = terra castanha compacta, com poucas pedras.

Marcação de mais dois Quadrados, o Q13 e Q14, para o lado oeste dos restantes Quadrados já abertos, a uma distância de 4 m, iniciando uma nova linha. O Q13 marcado mais a norte, a oeste do Q12. O Q14 marcado mais a sul, a oeste dos Q4 e Q7.

Abertura do Q13 e sua conclusão, chegando ao substrato aos 40 cm, com as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha-clara vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 40 cm = terra castanha-clara compacta, com algumas pedras.

Abertura do Q14, retirando a primeira camada de 20 cm.

Limpeza da área geral da escavação.

Nota: após uma ligeira observação do espólio recolhido nos treze Quadrados já abertos, verificou-se que o Quadrado que forneceu mais material foi o Q9, e menos espólio o Q7.

Nos Quadrados Q2, Q12, Q4, Q3, Q5, Q7, e Q13 (por ordem decrescente) retirou-se mais espólio na primeira camada, dos 0 aos 20 cm. Nos restantes: Q6, Q9, Q11, Q1, Q8 e Q10 (por ordem decrescente) retirou-se mais espólio na segunda camada, dos 20 cm ao substrato geológico.

O substrato está a menor profundidade a sul, face aos Quadrados abertos a norte. A terra apresenta-se mais clara a sul e mais escura a norte, observando-se nos Quadrados Q11 e Q12 uma terra bastante compacta, a partir dos 20 cm, e o espólio torna-se escasso.

Na camada dos 0 aos 20 cm nos Quadrados abertos a sul encontra-se uma mistura de pequenos fragmentos de cerâmica de várias épocas, contrariamente aos Quadrados abertos mais a norte, onde a presença de cerâmicas recentes não ocorre, sendo o espólio antigo exclusivo.

Dia 13 de Outubro (2003):

Continuação e conclusão do Q14, com as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com muitas pedras;
- dos 20 aos 35 cm = terra castanha, com muitas pedras.

Marcação de mais dois Quadrados, o Q15 e Q16, o Q15 a norte do Q14, e o Q16 a sul do Q13, todos na linha 4.

Conclusão do Q15, com as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha clara vegetal, com muitas pedras;
- dos 20 aos 37 cm = terra castanha clara, com muitas pedras.

Dia 14 de Outubro (2003):

Continuação e conclusão do Q16:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com muitas pedras;
- dos 20 aos 42 cm = terra castanha, com muitas pedras.

Nota: Tanto no Q15 como no Q16 verifica-se uma relativa ausência de material arqueológico.

Marcação de mais dois novos Quadrados, iniciando-se a linha 0, a este da Linha 1, com a

mesma distância das outras linhas (4 m). Assim, procedeu-se à marcação do Q17, mais a norte, e do Q18, mais a sul.

Conclusão do Q17, ao atingir o substrato aos 39 cm, apresentando as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha escura vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 39 cm = terra castanha compacta, com algumas pedras.

Nota: Esta última camada do Q17 não continha espólio.

Decapagem do Q18 até aos 20 cm.

Dia 15 de Outubro (2003):

Continuação e conclusão do Q18, atingindo-se o substrato aos 39 cm:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com algumas pedras;
- dos 20 aos 39 cm = terra castanha, com muitas pedras.

Marcação e abertura de dois novos Quadrados, o Q19 e Q20, entre o Q17 mais a norte e o Q18 mais a sul, na mesma linha 0.

Conclusão do Q19, atingindo o substrato aos 38 cm:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 38 cm = terra castanha, com poucas pedras.

Nota: Este Quadrado forneceu vasto material arqueológico e de dimensões superiores às dos Quadrados anteriores.

Decapagem do Q20 até aos 20 cm.

Dia 16 de Outubro (2003):

Continuação e conclusão do Q20, ao atingir o substrato aos 38 cm, observando-se as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 38 cm = terra castanha, com algumas pedras.

Marcação e abertura de mais dois novos Quadrados, o Q21 e Q22, mais a sul, na Linha 0.

Conclusão do Q21, ao atingir o substrato aos 27 cm, observando-se as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com algumas pedras;
- dos 20 aos 27 cm = terra castanha, com muitas pedras.

Decapagem do Q22 até aos 20 cm.

Dia 17 de Outubro (2003):

Continuação e conclusão do Q22, ao atingir o substrato aos 33 cm, observando-se as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com muitas pedras;
- dos 20 aos 33 cm = terra castanha, com muitas pedras.

Marcação e abertura de mais dois novos quadrados (Q23 e Q24), para este, abrindo uma nova Linha, a Linha -1.

O Q23, aberto mais a norte, apresenta as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 35 cm = terra castanha-escura, argilosa, com poucas pedras.

Nota: O substrato do Q23 faz uma depressão, ainda não totalmente escavada, em forma de círculo, de cerca de 60 cm de raio, a qual continha uma terra castanha escura, argilosa, com algumas pedras de pequenas dimensões, contendo um conjunto de fragmentos cerâmicos em

número assinalável (um deles de maiores dimensões). Trata-se de um enchimento de uma estrutura negativa de profundidade ainda desconhecida, que importa continuar a escavar. Decapagem do Q24, mais a sul da Linha -1, até aos 20 cm.

Dia 20 de Outubro (2003):

Continuação e conclusão do Q24, ao atingir o substrato aos 28 cm, com as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com muitas pedras;
- dos 20 aos 28 cm = terra castanha, com muitas pedras.

Marcação e abertura de um novo Quadrado, o Q25, na Linha 2, mais a sul.

Conclusão do Q25 com as seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha-clara vegetal, com muitas pedras;
- dos 20 aos 38 cm = terra castanha-clara, com muitas pedras.

Continuação da escavação do Q23, retirando e fotografando o espólio existente.

No Q23, a sequência observada foi a seguinte:

- dos 44 aos 60 cm = terra castanha-escura, com poucas pedras e de pequenas dimensões;
- dos 60 aos 70 cm = terra castanha-escura, com poucas pedras e de pequenas dimensões;
- dos 70 aos 80 cm = terra castanha-escura, com algumas pedras e de maiores dimensões que as anteriores.

Retiraram-se da fossa doméstica assim definida vários fragmentos de cerâmica bem conservados, de grandes dimensões, localizados principalmente junto às paredes, especialmente do lado Norte.

Para além dos grandes fragmentos cerâmicos mencionados (vários bordos, bases e taças carenadas) recolheram-se fragmentos de osso de animais, conchas, lascas de sílex e amostras de carvão.

Da camada dos 60 aos 70 cm retirou-se mais material do que da camada artificial anterior.

Dia 21 de Outubro (2003):

Marcação e abertura de um novo Quadrado, o Q26, na Linha 2, mais a sul.

Conclusão do Q26, ao atingir o substrato aos 32 cm, com a observação as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com algumas pedras;
- dos 20 aos 32 cm = terra castanha, com muitas pedras.

O espólio antigo é escasso, na primeira camada, e observa-se uma mistura com outros fragmentos cerâmicos recentes (vidrados). Na segunda e última camada artificial não se retirou espólio.

Continuação e conclusão do Q23, ao atingir o substrato aos 44 cm em redor da abertura da fossa doméstica a partir da superfície e aos 85 cm no seu interior.

Nota: Em algumas zonas, no interior da fossa, junto ao substrato, verificou-se uma fina camada de tons amarelo-alaranjado e cinzento, sem material; no entanto, por debaixo desta encontrou-se espólio.

Retirou-se um fragmento de cerâmica de grandes dimensões aos 62 cm, encostado à parede oeste do silo.

Marcação e abertura até aos 20 cm de mais dois novos Quadrados, o Q27 e Q28, na Linha 1, mais a sul.

Dia 22 de Outubro (2003):

Continuação e conclusão dos Q27 e Q28, com a observação das seguintes camadas artificiais:

Q27:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com muitas pedras;
- dos 20 aos 36 cm = terra castanha, com muitas pedras.

Q28:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com muitas pedras;
- dos 20 aos 31 cm = terra castanha, com muitas pedras.

Nestes dois últimos quadrados não se retirou espólio significativo.

Marcação e abertura de mais dois novos Quadrados, o Q29 e Q30, na Linha -1, retirando-lhes a primeira camada de 20 cm.

Dia 23 de Outubro (2003):

Continuação e conclusão dos Q29 e Q30, com a observação das seguintes camadas artificiais:

Q29:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com muitas pedras;
- dos 20 aos 31 cm = terra castanha, com muitas pedras.

Q30:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com algumas pedras;
- dos 20 aos 32 cm = terra castanha, com algumas pedras.

Marcação e abertura de mais dois novos Quadrados (Q31 e Q32) na Linha -1. O Q31 a norte do Q30 e o Q32 a sul do Q23.

Conclusão do Q31 ao atingir o substrato aos 44 cm, com as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com algumas pedras;
- dos 20 aos 44 cm = terra castanha, com algumas pedras.

Conclusão do Q32 ao atingir o substrato aos 41 cm, com as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com algumas pedras;
- dos 20 aos 41 cm = terra castanha, com algumas pedras.

Nota: Verifica-se no Q31 e Q32 ausência de material cerâmico recente, contrariamente aos Quadrados abertos mais a sul da mesma Linha.

Existência de uma ligeira depressão no substrato, no canto noroeste do Q32, contendo uma terra castanha argilosa, compacta; no entanto, o substrato encontrou-se logo abaixo, aos 54 cm.

Dia 24 de Outubro (2003):

Trabalhos de limpeza no Q32 e sua conclusão.

Marcação e abertura de mais dois novos quadrados (Q33 e Q34).

Conclusão do Q33 com a observação das seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com algumas pedras;
- dos 20 aos 41 cm = terra castanha, com algumas pedras.

Conclusão do Q34 com a observação das seguintes camadas:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha vegetal, com algumas pedras;
- dos 20 aos 37 cm = terra castanha, com algumas pedras.

As escavações foram visitadas, no seu termo, pelo Dr. João Cabral, responsável pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Cascais e pelo dono da futura obra, tendo sido na altura comunicado verbalmente ao Dr. José Correia, da Extensão de Lisboa do Instituto Português de Arqueologia, os principais resultados obtidos.

Os dois últimos dias de trabalho (27 e 28 de Outubro de 2003) corresponderam à realização da planta da área escavada e ao acabamento de desenhos de campo, designadamente do Q23, onde se reconheceu a fossa de detritos.

3. Resultados obtidos

3.1. Estratigrafia

O aprofundamento da escavação da totalidade dos quadrados até ao substrato geológico permitiu verificar que a profundidade deste não ultrapassava, em geral, 0,50 m, sendo constituído por calcários amarelo-esbranquiçados, margosos ou apinhoados e facilmente esboroáveis, do Cretácico Médio (Cenomaniano Inferior e Médio), os quais apresentam ligeiro pendor para oeste, concordante com o declive próprio da encosta. A sequência geral observada, com base na sucessão estratigráfica verificada em cada um dos quadrados, corresponde de forma genérica às duas camadas artificiais consideradas no decurso da escavação, correspondendo a horizontes pedológicos muito parecidos, apenas diferenciados pelos maiores teores de humidade e de argila observados na mais profunda. Deste modo, é válida a seguinte descrição geral, de cima para baixo:

- Camada 1 – Terra arável, castanho-clara, com materiais arqueológicos muito escassos do Bronze Final, de mistura com raros materiais modernos e pedras miúdas, dispersas pela matriz terrosa (0-0,20/0,30 m de profundidade);
- Camada 2 – Camada terrosa, mais escura, argilosa e compacta que a anterior, de coloração acastanhada, com elementos calcários de pequenas dimensões dispersos e escassos materiais arqueológicos, com ausência de elementos modernos (0,20/0,30-0,50 m de profundidade);
- Camada 3 – Substrato geológico, constituído por calcários margosos do Cretácico Médio (Cenomaniano Inferior e Médio).

No Quadrado 23, o enchimento de uma estrutura arqueológica negativa, adiante referida em pormenor, obrigou a considerar a existência de um depósito arqueológico específico, a Camada 3, da Fig. 7 – o único, no sentido próprio do termo que foi identificado – constituído por acumulação terrosa de coloração castanho-chocolate, com alguns blocos de calcário e de basalto dispersos desde o topo à base da estrutura e com abundantes materiais arqueológicos do Bronze Final (potência do enchimento de cerca de 0,50 m). As observações de campo efectuadas no decurso da escavação permitiram verificar a existência de fragmentos de cerâmicas (correspondentes a vasos de grandes dimensões, ditos “de armazenamento”) encostados à parede natural da cavidade – sem que isso signifique que, originalmente ali tivessem sido intencionalmente enterrados – bem como o aumento do tamanho dos elementos pedregosos na parte mais funda do respectivo enchimento.

3.2. Estruturas

A única estrutura arqueológica identificada no decurso dos trabalhos realizados encontrava-se integralmente aberta no substrato geológico, que é, dadas as suas características, facilmente escavável. Trata-se do já referido silo, cuja abertura, a cerca de 0,44 m da superfície do terreno,



Fig. 5 Cabeço do Mouro. Pormenor do Q23, observando-se o topo do enchimento do silo, reaproveitado como fossa doméstica de acumulação de detritos.



Fig. 6 Cabeço do Mouro. Vista parcial do Q23, observando-se o silo no seu canto sudeste, integralmente aberto na rocha, depois de escavado.

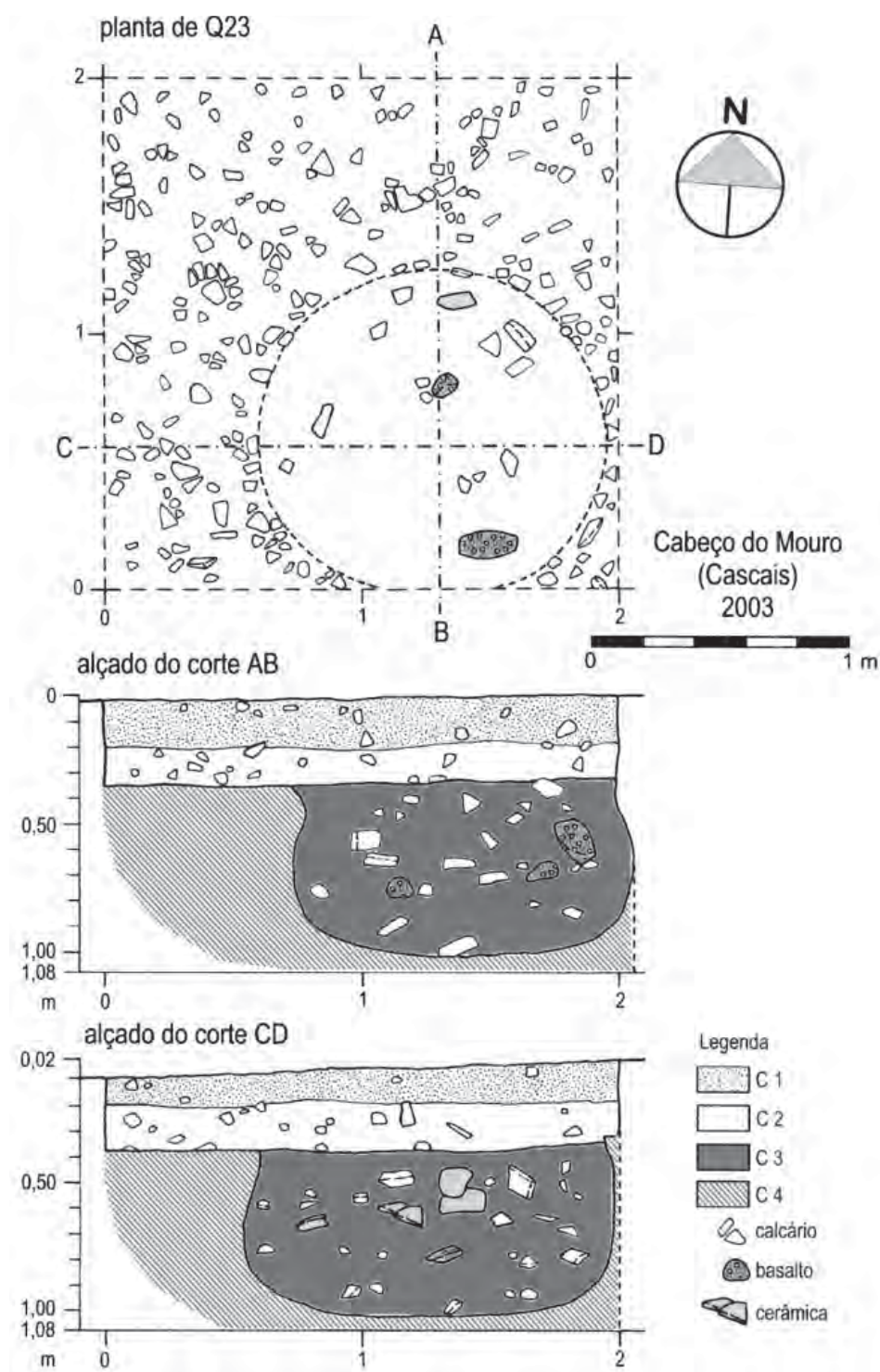


Fig. 7 Cabeço do Mouro. Planta e cortes do silo identificado no Q23. Legenda: Camada 1 – Terra arável, castanho-clara, com materiais arqueológicos muito escassos do Bronze Final, de mistura com raros materiais modernos e pedras miúdas, dispersas pela matriz terrosa (0-0,20 m de profundidade); Camada 2 – Camada terrosa, mais escura, argilosa e compacta que a anterior, de coloração acastanhada, com elementos calcários de pequenas dimensões dispersos e escassos materiais arqueológicos, com ausência de elementos modernos (0,20-0,44 m de profundidade); Camada 3 – Enchimento terroso, de acumulação no interior do silo, de coloração castanho-chocolate, com alguns blocos de calcário e de basalto dispersos desde o topo à base da estrutura e com abundantes materiais arqueológicos, constituindo grupo homogêneo de cerâmicas lisas do Bronze Final (0,44-0,80 m de profundidade); Camada 4 – Substrato geológico, constituído por calcários margosos do Cretácico Médio (Cenomaniano Inferior e Médio).

possui contorno circular, identificada no sector sudeste do Q23. Possui cerca de 1,20 m de diâmetro e um perfil em forma de cogumelo invertido, alargando para a base, que é côncava (Figs. 5, 6 e 7).

A profundidade máxima desta estrutura, contada a partir da respectiva abertura, atinge cerca de 0,50 m, encontrando-se as paredes bem regularizadas.

A aludida atribuição funcional é compatível e encontra sustentação na sabida especialização cerealífera dos povoados ou simples “casais agrícolas” do Bronze Final dos arredores de Lisboa, explorando de forma intensiva e extensiva as altas potencialidades agro-cerealíferas dos solos aqui existentes.

Em fase ulterior, a estrutura foi preenchida com despejos domésticos produzidos na zona envolvente, com destaque para os materiais cerâmicos que, de forma contínua, foram sendo descobertos, à medida que se aprofundava a escavação do seu interior, através de escavação por níveis artificiais de 0,10 m de espessura: daí se ter utilizado a designação de “fossa”, nas descrições de campo acima transcritas. A maior parte dos materiais — adiante caracterizados em pormenor — concentrava-se entre os 0,60 e os 0,70 m, cerca de 0,10 m acima do fundo da estrutura.

Apesar de a escavação se ter concentrado, logo após a identificação desta estrutura, na sua área adjacente, através da abertura de diversos quadrados contíguos, ali não se reconheceram quaisquer outras ocorrências, o que não significa que aquela se encontrasse isolada no terreno.

4. Materiais arqueológicos

4.1. Indústrias líticas

A quase totalidade dos artefactos líticos provém da estrutura negativa acima descrita. Trata-se de conjunto de 12 lascas e esquirolas de sílex de origem local ou próxima, de tonalidades cinzentas a castanho-esbranquiçadas, incluindo um exemplar de chert, de coloração rosada. Neste conjunto apenas se identificou um utensílio, e ainda assim inacabado, por fractura verificada no decurso da sua preparação: trata-se de um elemento de foice, de sílex, com um dos bordos munido do denticulado característico (Fig. 8), oriundo da parte inferior do enchimento da estrutura negativa identificada.



Fig. 8 Cabeço do Mouro. Elemento de foice sobre lasca de sílex, abandonado no decurso do talhe. Q23 (silo), entre 0,60 e 0,70 m de profundidade a partir da superfície topográfica do terreno.

A presença destas esquirolas e lascas informes documenta, no entanto, o talhe e aproveitamento do sílex no Bronze Final, ao menos nos sítios mais importantes, com a finalidade de produção de elementos de foice, tão necessários às actividades agro-cerealíferas desenvolvidas de forma intensiva nos povoados e casais agrícolas daquela época identificados na região de Lisboa (Marques e Andrade, 1974); a sua importância encontra-se expressivamente documentada pelas largas centenas de elementos recolhidos no povoado da Tapada da Ajuda (Cardoso et al., 1986), a que se somam os encontrados, também abundantemente, em outros sítios mais próximos do Cabeço do Mouro, como é o caso do Alto das Cabeças, Oeiras (Cardoso e Cardoso, 1996); foices de madeira munidas de tais elementos líticos, só muito tardiamente, no final do Bronze Final, foram sendo progressivamente substituídas por exemplares metálicos, de bronze, produzidos em moldes como o recolhido nas proximidades, em Casal de Rocanes, Cacém (Cardoso, 2004), dado o bom desempenho conseguido e os baixos custos da sua produção.

4.2. Cerâmicas

Nas Figs. 9 a 13 representam-se todos os fragmentos com leitura tipológica encontrados.

Verifica-se que a tipologia dos materiais cerâmicos exumados se integra bem no conjunto das produções do Bronze Final: todas as formas identificadas encontram-se, com efeito, globalmente presentes no inventário efectuado com base nas centenas de exemplares compulsados do povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda, Lisboa (Cardoso e Silva, 2004). De assinalar, à semelhança do verificado naquele sítio, a ausência de produções finas decoradas com “ornatos brunidos”, apesar de estes se conhecerem em estações coevas das proximidades, designadamente em povoados de altura.

Mesmo as produções finas não ornamentadas são raras, ainda que as superfícies denotem bom acabamento, apresentando-se muito bem alisadas. Trata-se de formas fechadas (“púcaros”), ou abertas, com domínio, nestas últimas, das taças carenadas. Os elementos de preensão, quando existem, estão representados por pequenas asas que partem do bordo e se unem à parede dos recipientes por altura da carena (Fig. 11, n.º 8), ou ao bojo, no caso de se tratar de esféricos (Fig. 9, n.º 11). Reconheceram-se ainda pequenos mamilos perfurados ou não, junto ao bordo (Fig. 9, n.º 1; Fig. 13, n.º 2), ou sobre a carena (Fig. 10, n.º 6) de uma taça de assinalável diâmetro. Merece referência um pequeno mamilo em forma de meia-lua, presente no bojo de um esférico, cuja finalidade seria sobretudo decorativa (Fig. 11, n.º 7).

Os recipientes ditos “de armazenamento”, de contorno fechado, bordo em aba extrovertido mais ou menos pronunciado e fundo plano constituem o segundo grande conjunto cerâmico identificado. Neste, merece destaque um fundo com pé, produção rara ou mesmo virtualmente desconhecida nos contextos coevos da Estremadura (Fig. 12, n.º 6).

Os elementos decorativos são quase inexistentes: além do pequeno mamilo supracitado, bem como do par de mamilos perfurados, existentes sobre a carena de uma taça também acima mencionada (Fig. 10, n.º 6), os quais acumulariam funções práticas ao evidente simbolismo, recolheu-se apenas um bordo com o lábio denteado por pequenas incisões paralelas (Fig. 13, n.º 9); trata-se de elemento decorativo comum nas produções do Bronze Final, com paralelos imediatos na Tapada da Ajuda (Lisboa).

Do ponto de vista da natureza e qualidade das pastas cerâmicas e respectivos acabamentos, as analogias com outros conjuntos homólogos são evidentes. Com efeito, como geralmente acontece, as pastas dos exemplares de maiores dimensões são finas a médias, muito raramente grosseiras (predominam as segundas), nelas avultando e.n.p. de feldspato esbranquiçado, alterados pelo calor, com abun-

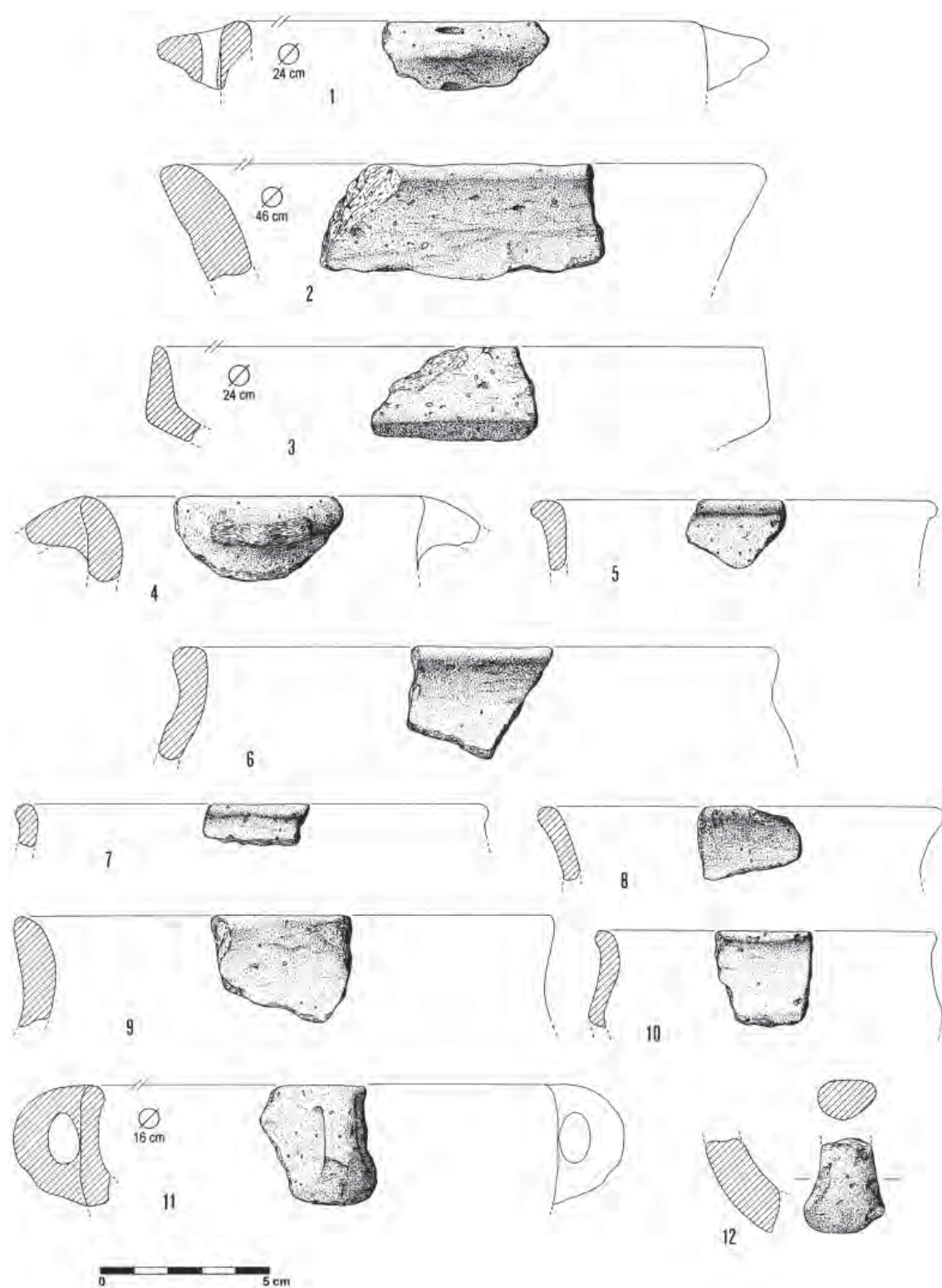


Fig. 9 Cabeço do Mouro. Materiais cerâmicos recolhidos em diversos dos Quadrados escavados: 1 - Q20, entre 0-0,20 m de profundidade; 2 - Q19, entre 0-0,20 m de profundidade; 3 - Q18, entre 0-0,20 m de profundidade; 4 e 5 - Q9, entre 0-0,20 m de profundidade; 6 e 7 - Q19, entre 0,20-0,40 m de profundidade; 8 - Q18, entre 0,20-0,40 m de profundidade; 9 e 10 - Q19, entre 0,20-0,40 m de profundidade; 11 - Q6, entre 0,20-0,40 m de profundidade; 12 - Q11, entre 0,20 e 0,50 m de profundidade.

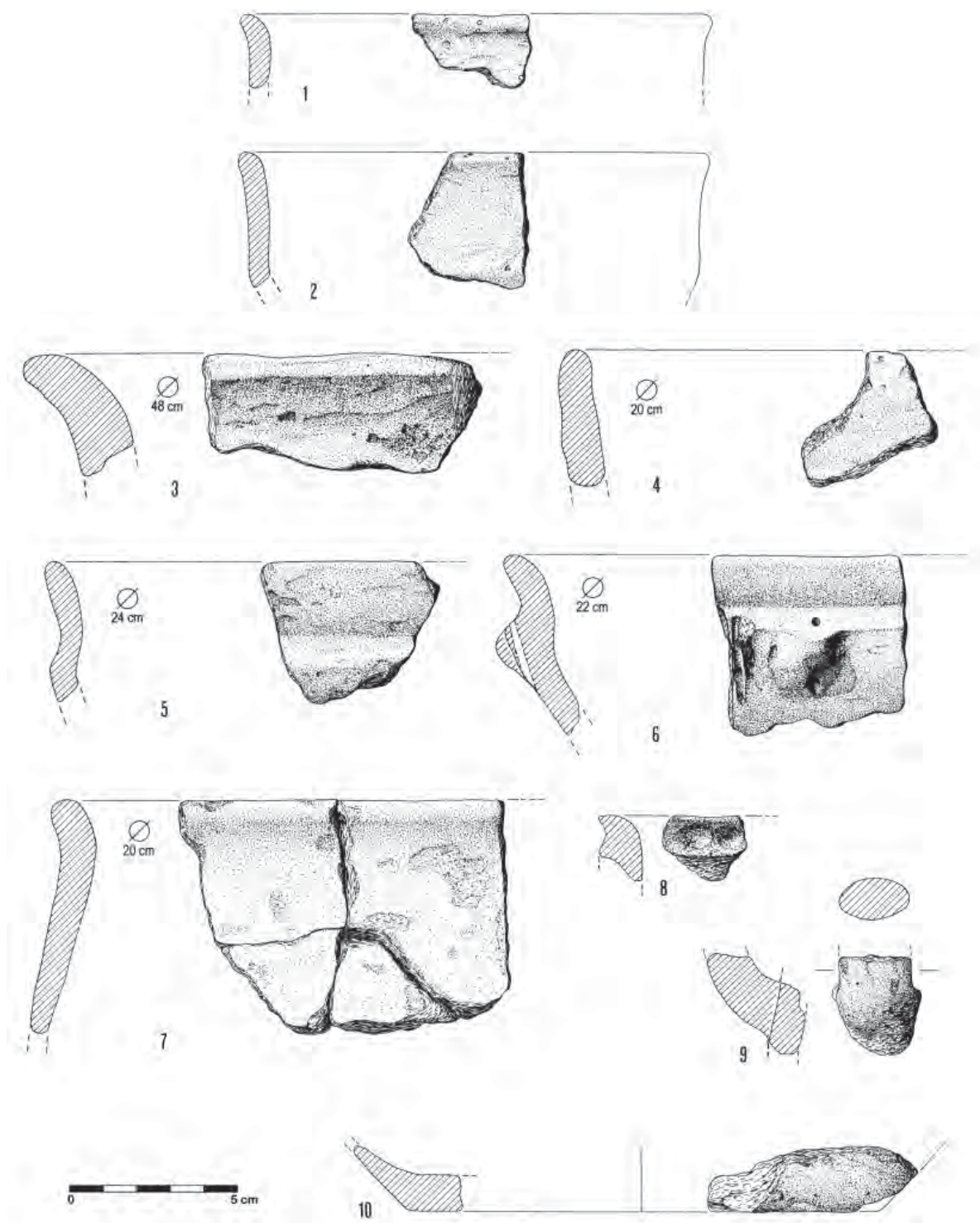


Fig. 10 Cabeço do Mouro. Materiais cerâmicos recolhidos no Q23 (silo), entre 0,44-0,60 m de profundidade (a partir da superfície topográfica do terreno).

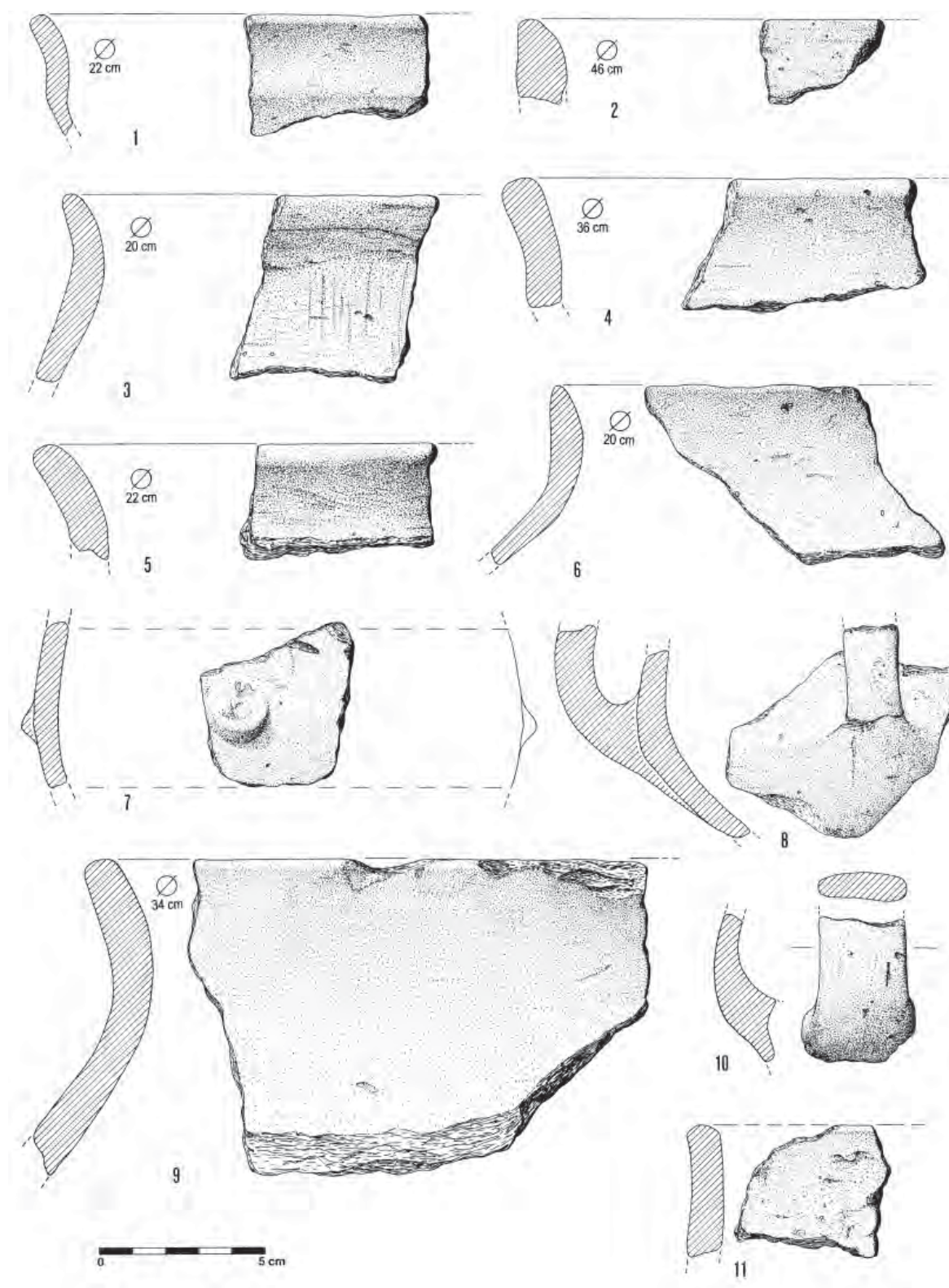


Fig. 11 Cabeço do Mouro. Materiais cerâmicos recolhidos no Q23 (silo), entre 0,60-0,70 m de profundidade (a partir da superfície topográfica do terreno).

dantes palhetas micáceas e grânulos de quartzo, apresentando-se em geral compactas e duras, com núcleos escuros e superfícies castanho-anegradadas. O acabamento destas pode apresentar-se cuidado, ou mais irregular, mas sempre alisadas, por vezes recorrendo à técnica “a cepillo” (Fig. 12, n.º 7).

Quanto aos recipientes de menores dimensões, não se observam diferenças assinaláveis no concernente às pastas e acabamentos: predominam as pastas finas a médias, com mineralogias idênticas, assinalável dureza e compacidade, com núcleos negros, muito bem cozidos e superfícies de coloração semelhante ou castanho-anegradadas a avermelhadas — também observadas nos recipientes maiores — denotando fase final da cozedura em ambiente mais oxidante.

Existem, no entanto, alguns recipientes, tanto de maiores como de menores dimensões, de características diferentes: possuem pastas de coloração castanho-avermelhada, extensiva às respectivas superfícies, e textura mais grosseira, evidenciando-se melhor, por tal facto, numerosos grãos esbranquiçados, predominantemente de feldspato, sem prejuízo da qualidade do acabamento das superfícies, que podem apresentar-se bem regularizadas.

No conjunto, dos 54 exemplares com interesse tipológico identificados, 42 provêm da estrutura negativa escavada, distribuindo-se os restantes 12 pelos seguintes Quadrados:

- Q6 – 1 ex.;
- Q11 – 1 ex.;
- Q9 – 2 exs.;
- Q18 – 2 exs.;
- Q19 – 5 exs.;
- Q20 – 1 ex.

Esta distribuição denota concentração de espólio, ainda que incipiente, dados os escassos efectivos presentes, na área a SE do Q23 (correspondente à localização da estrutura negativa), em resultado talvez do espalhamento produzido pela lavoura de materiais ali originalmente depositados, aquando da sua reutilização como fossa de acumulação de detritos.

No concernente aos restos recuperados no interior da estrutura negativa acima descrita, importa salientar que a distribuição dos materiais, constituídos sobretudo por fragmentos cerâmicos, não se apresentava uniforme em profundidade: assim, desde a abertura da estrutura, verificada a cerca de 0,44 m de profundidade, foi a seguinte a distribuição dos materiais observada (peso em gramas):

- 0,44 m a 0,60 m — 1840 g, a que correspondem 10 exemplares com interesse tipológico (Fig. 10);
- 0,60 a 0,70 m — 4185 g, a que correspondem 18 exemplares com interesse tipológico (Figs. 11 e 12);
- 0,70 a 0,80 m — 2160 g, a que correspondem 14 exemplares com interesse tipológico (Fig. 13).

As dimensões e tipologias dos recipientes cerâmicos recolhidos no interior desta estrutura não parecem evidenciar diferenciação face à profundidade da recolha: a respectiva tipologia foi já objecto de caracterização (Figs. 9 a 13). De qualquer modo, os recipientes, mesmo os de maiores dimensões e de paredes mais robustas, encontram-se muito fragmentados, indicando que foram já lançados para a estrutura no estado em que foram encontrados, correspondendo a simples despejos de lixos domésticos. A homogeneidade do enchimento, somada à ausência de depósitos finos que evoquem uma deposição subaérea, decorrente de uma paragem temporal no respectivo enchimento, indica que este se processou num curto espaço de tempo, sendo, deste modo, claramente intencional.

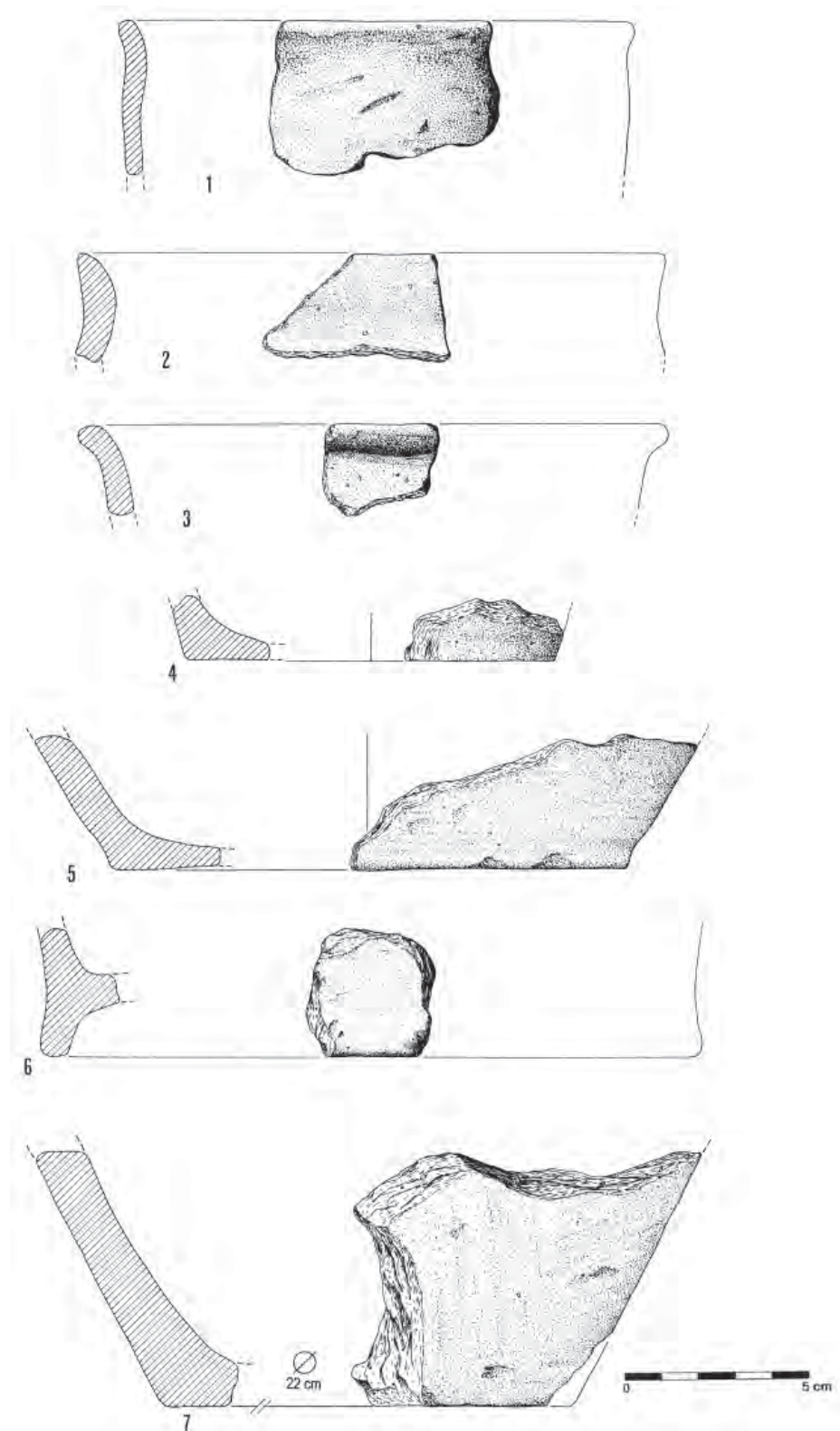


Fig. 12 Cabeço do Mouro. Materiais cerâmicos recolhidos no Q23 (silo), entre 0,70-0,80 m de profundidade (a partir da superfície topográfica do terreno).

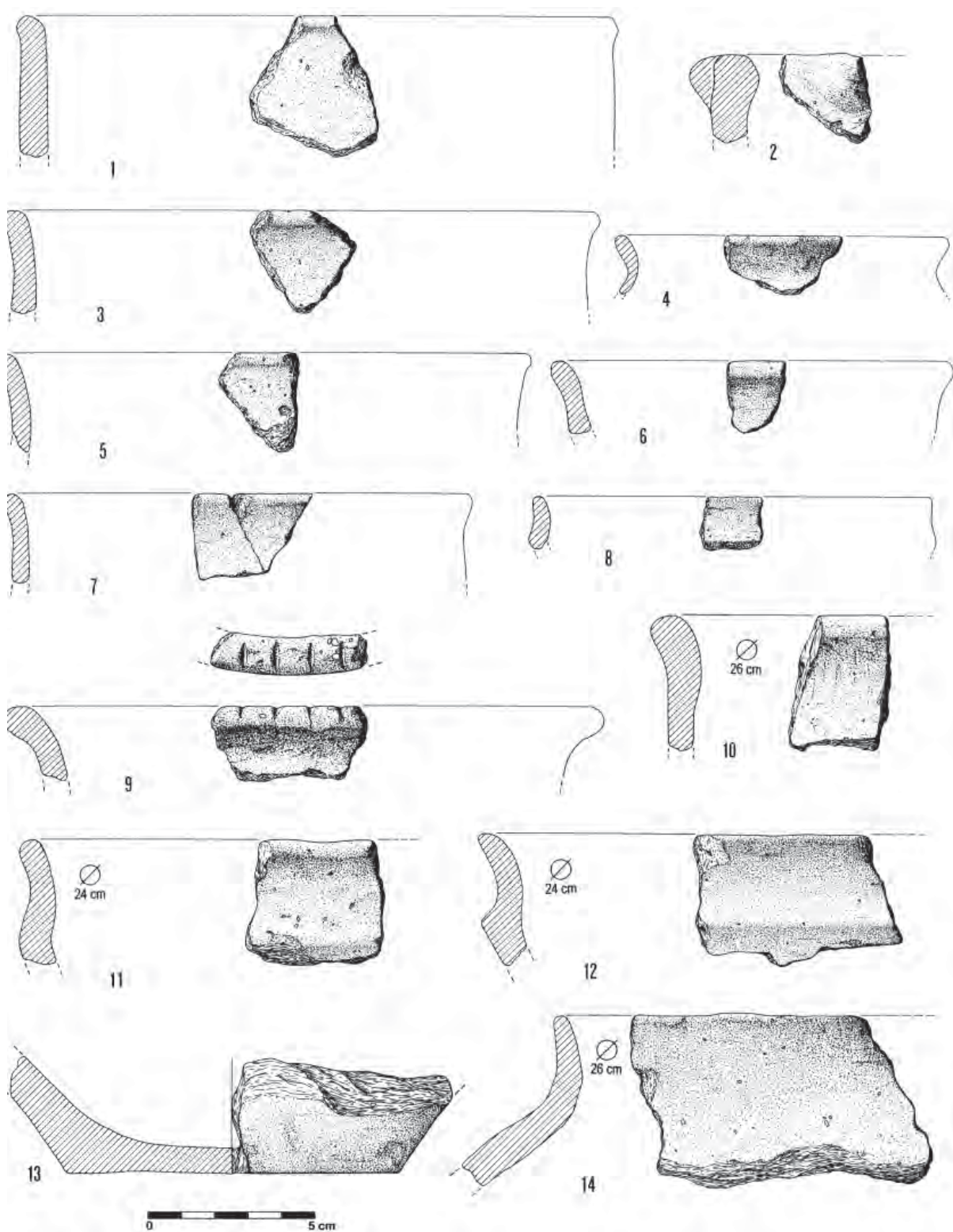


Fig. 13 Cabeço do Mouro. Materiais cerâmicos recolhidos no Q23 (silo), entre 0,70-0,80 m de profundidade (a partir da superfície topográfica do terreno).

Quadro 1. Distribuição dos fragmentos cerâmicos em profundidade por cada um dos quadrados escavados					
	0 aos 20 cm	20 cm ao substrato	44 aos 60 cm	60 aos 70 cm	70 aos 80 cm Total
Q1	215	255			470
Q2	345	205			550
Q3	315	70			385
Q4	205	100			305
Q5	150	110			260
Q6	215	505			720
Q7	135				135
Q8	255	210			465
Q9	365	395			760
Q10	135	125			260
Q11	240	345			585
Q12	275	110			385
Q13	130	150			280
Q14	55				55
Q15	95				95
Q16	50				50
Q17	120	0			120
Q18	195	280			475
Q19	635	770			1405
Q20	220	155			375
Q21	190	160			350
Q22	95	65			160
Q23	215	1725	1840	4185	2160 10125
Q24	260	60			320
Q25	110	75			185
Q26	60				60
Q27	190	35			225
Q28	85				85
Q29	150	115			265
Q30	65	135			200
Q31	180	130			310
Q32	110	120			230
Q33	140	135			275
Q34	145	110			255

Da observação do Quadro 1, verifica-se que é o Q23 o Quadrado onde, de longe, se recolheu o espólio arqueológico mais abundante. Seguem-se os Quadrados situados a sudoeste daquele, confirmando a hipótese, já anteriormente apresentada, de tal distribuição ter resultado de materiais originalmente provenientes da estrutura negativa situada no Q23.

Quanto à distribuição em profundidade do espólio cerâmico, apesar de se verificar a existência de um maior número de quadrados que forneceu maior quantidade de espólio na camada superficial (C. 1), a maioria, em termos ponderais absolutos, provém da camada subjacente (C. 2), em con-

tacto com o substrato geológico, onde ocorrem fragmentos em geral de maiores dimensões, em consequência de um menor transporte e erosão.

No entanto, a baixa densidade da distribuição dos achados e a sua dispersão, somada à ausência de estruturas habitacionais, mostra que a encosta foi sujeita, em épocas posteriores, a uma forte erosão, que atingiu o solo até ao substrato geológico, a qual terá sido responsável pela remoção de boa parte dos materiais arqueológicos do local, com excepção dos acumulados no antigo silo desactivado.

Em conclusão: ponto de vista tipológico, as formas reconhecidas enquadram-se nos grupos definidos no povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda, Lisboa (Cardoso e Silva, 2004), apesar da diferença cronológica que separa ambos os sítios, superior a duzentos anos: com efeito, o povoado de encosta da Tapada da Ajuda terá sido ocupado entre cerca de 1300 e 1100 anos a.C., enquanto o pequeno sítio em apreço não terá ultrapassado os meados/finais do século X a.C., conforme resultado de data de radiocarbono adiante apresentada.

4.3. Metais

Do Q23 provém a extremidade de um pequeno punção de cobre ou bronze, de secção sub-rectangular, do qual se conserva a extremidade distal, que é cortante, obtida por adelgaçamento de ambas as faces maiores (Fig. 14).



Fig. 14 Cabeço do Mouro. Extremidade distal de punção de cobre ou bronze, recolhido no Q23 (silo) a 0,60-0,70 m de profundidade (a partir da superfície topográfica do terreno).

4.4. Restos faunísticos

Certos quadrados (Q 7, 9, 10, 11, 13 e, sobretudo, Q23) forneceram escassos restos de fauna mamalógica. Pertencentes a ovi-caprinos, recolheram-se restos de omoplata, dentes inferiores e superiores e esquirolas de ossos longos, alguns com marcas de fogo. A *Bos taurus*, de pequeno tamanho, pertence esquirola de extremidade anterior de metacárpico, com intensas marcas de fogo; uma extremidade superior de diáfise de indivíduo juvenil; um incisivo; e um pré-molar inferior, todos provenientes do enchimento do silo, para além de esquirolas de ossos longos, alguns conservando também marcas intensas de fogo.

Tais restos encontram-se acompanhados de conchas, com predomínio de mexilhão *Mytilus* sp.), ocorrendo apenas um exemplar de cada uma das espécies, inteiro ou fragmentado: pé-de-burro (*Venus verrucosa*), lapa (*Patella* sp.) e buzina (*Charonia nodifera/Charonia lampas*), recolhidos nos quadrados Q6, 9 e, sobretudo, Q23. Trata-se de espécies que vivem actualmente no litoral adjacente, sendo todas de fácil recolha. A buzina, que se encontra presente desde o médio litoral, poderia ser recolhida à mão, ou recorrendo a ancinhos, que revolveriam o fundo.

5. Cronologia absoluta

Sobre algumas esquirolas ósseas seleccionadas recolhidas no Q 23, obteve-se a datação de radiocarbono a seguir apresentada, obtida no Instituto Tecnológico e Nuclear por gentileza do Eng. A. M. Monge Soares, a quem muito se agradece:

SAC-1916 - 2710±50 BP, a que corresponde os seguintes intervalos:

para 1 sigma: 899-819 cal BC;

para 2 sigma: 972-957 cal BC; 940-798 cal BC.

Trata-se, face aos resultados obtidos, de uma ocupação doméstica cuja maior probabilidade corresponde a todo o século IX a.C., podendo no entanto atingir a segunda metade do século X a.C. Este intervalo cronológico ajusta-se claramente à tipologia dos materiais recolhidos, os quais se inscrevem no Bronze Final. Face à data obtida, a presença em causa inscreve-se, mais precisamente, no Bronze Final II, situando-se em período já coevo — como indica a datação de radiocarbono — dos primórdios da presença fenícia na região de Lisboa (Barros e Soares, 2004).

6. Conclusões

As escavações realizadas em Outubro de 2003 no Cabeço do Mouro — encosta nascente, permitiram obter informação consistente para o objectivo em vista, que era a avaliação do efectivo interesse arqueológico do local, tendo presente a ocupação urbanística que se pretendia ali efectuar.

O resultado mais importante dos trabalhos realizados foi a identificação de um silo, reaproveitado como fossa de acumulação de detritos, preenchido em curto espaço de tempo e de uma só vez. Infelizmente, a forte erosão que terá actuado a encosta, provocou a destruição dos testemunhos arqueológicos eventualmente existentes na área circundante, representados por estruturas positivas ou verdadeiros solos de ocupação, cujos materiais se dispersaram pela acção da gravidade, e também em resultado do continuado amanho dos terrenos e da acção das águas pluviais.

A situação descrita configura a existência de pequeno núcleo habitado, de meia-encosta, talvez representado apenas por uma cabana de apoio ao cultivo dos terrenos adjacentes, cujos produtos — particularmente os cerealíferos — seriam armazenados no silo existente no próprio local, antes do seu abandono. Acessoriamente, criava-se gado para consumo local (ovelhas e/ou cabras), além do aproveitamento que dele se fazia na lavoura (utilização do boi doméstico como animal de tracção de carros e arados). Enfim, a componente alimentar resultante da recollecção de moluscos, não sendo relevante, é variada, indicando a frequentação do litoral, onde poderiam ser facilmente obtidas todas as espécies identificadas. Tal facto pressupõe, por outro lado, a possibilidade de cir-

culação dos habitantes do sítio num aro geográfico alargado, já que o litoral dista da estação cerca de 4,5 km.

Este sítio agrícola, de carácter aberto, como tantos outros existentes nas proximidades, encontrava-se na dependência imediata do importante povoado que ocupava, na época, o topo da elevação do Cabeço do Mouro, actualmente completamente urbanizado, local de há muito referenciado como de interesse arqueológico, correspondente a importante ocupação do Bronze Final (Marques e Andrade, 1974; Cardoso, 1991). Ali, recolheu o signatário, à superfície, com Guilherme Cardoso, abundante espólio daquela época, ainda inédito, em 1975.

Configura-se, deste modo, uma situação em que, a partir de um importante povoado de altura, à escala regional, fosse ou não fortificado, se administrariam os recursos produzidos no território imediatamente adjacente, cujo controlo e vigilância era por aquele assegurado (Cardoso, 1999-2000, 2004); é deste modo que se explica a ocorrência do silo, relacionado certamente com pequena unidade doméstica de produção cerealífera intensiva implantada em área só aparentemente desprotegida e marginal, mas na verdade na estreita dependência daquele povoado de altura e dos que o habitavam.

NOTAS

- * Agregado em Pré-História pela Universidade Aberta (Lisboa),
Associação Cultural de Cascais e Centro de Estudos
Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras)

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, L.; SOARES, A. M. M. (2004) - Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 22, p. 333-352.
- CARDOSO, G. (1991) - *Carta arqueológica do concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L. (1999-2000) - Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso do Bronze Final. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 355-413.
- CARDOSO, J. L. (2004) - *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras: Câmara Municipal (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12).
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. (1996) - O povoado do Bronze Final do Alto das Cabeças (Leião, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 351-359.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, I. M. da (2004) - O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 227-271.
- CARDOSO, J. L. [et al.] (1986) - A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa - Revista Municipal*. Lisboa. Série II. 15, p. 3-18.
- MARQUES, G.; ANDRADE, G. M. (1974) - Aspectos da Proto-história do território português. I - Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). In *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia (Porto, 1973)*. Porto: Ministério da Educação Nacional, p. 125-148.